

## RELAÇÕES DE TRABALHO E COAÇÃO

*Eleonora Menicucci de OLIVEIRA<sup>1</sup>*

Ao ler *Violência, saúde e trabalho* (uma jornada de humilhações), de Margarida Barreto, lembrei-me instantaneamente do livro de C. Dejours, *A banalização da injustiça social* (1999) e me perguntei: o que fez Margarida, nessa sua pesquisa, para além de desbanalizar a violência? Desvendou a violência subjetiva e sutil que corrói as pessoas e lhes tira o sentido de sujeitos de direitos. Isso por si só já confere ao seu trabalho um estatuto de ruptura epistemológica profunda e radical (no sentido da radicalidade), que nos fala Santos (1987, p. 36) com o conhecimento dominante e hegemônico “... a configuração do paradigma que se anuncia no horizonte só pode obter-se por via especulativa. Uma especulação fundada nos sinais que a crise do paradigma atual emite mas nunca por eles determinada...”.

Margarida fez uma enorme e consistente pesquisa, na perspectiva etnográfica das histórias de vida no trabalho, permeada pelas humilhações, em sua dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC-SP no ano de 2000. Seu texto mescla com rigor e paixão a cientificidade com a capacidade de iluminar, no sentido de abrir possibilidades para outros olhares, produzindo desafios críticos à academia, à ciência e à sociedade. É neste momento que ela anuncia a importância de preencher a lacuna epistemológica posta pelo paradigma dominante e cartesiano ao se propor a compreender a complexidade do processo das relações de trabalho que levam às humilhações sofridas por trabalhadores homens e mulheres. Para preencher esta lacuna epistemológica é que concordamos com Santos (1987) ao anunciar a emergência de um novo paradigma, construído a partir da solidariedade com a premissa de que todo conhecimento deva ser “prudente para uma vida decente”. (1987, p. 37)

Das questões emergentes deste trabalho minucioso de pesquisa, resulta a a pergunta sobre a existência ou não de uma História das humilhações sofridas pelos trabalhadores homens e mulheres. Na linha de Derrida, (1991), qualquer resposta não pode prescindir da posição hierárquica, e muitas vezes invisíveis, do poder em

---

<sup>1</sup> Departamento de Medicina Preventiva – UNIFESP – 04023-900 – São Paulo – SP.

suas variáveis esferas, seja macro ou micro, variável de acordo com o lugar na história e no movimento dos trabalhadores, pois essa história não requer apenas uma narrativa linear, é antes de tudo um relato genealógico bastante complexo (FOUCAULT, 1979). Neste sentido, uma nova história dos sentidos das humilhações redesenha o modo como essa é escrita e possibilita uma leitura sob a novas óticas.

Foi Hirigoyen (2001, p. 131), pesquisadora francesa, que primeiro visibilizou, em seu livro *Assédio Moral, a violência perversa no cotidiano* (2001), a perversidade das diferentes formas que a violência aparece nas relações, seja na esfera doméstica ou na esfera pública. Diz ela “...resistir ao domínio é expor ao ódio neste estágio, o outro, que só existia como um objeto útil torna-se um objeto perigoso, do qual é preciso livrar-se não importa por que meios...” e é isso que a pesquisa de Margarida mostra, o ódio tornando visível as humilhações no momento em que as vítimas reagem, tentando assumirem-se como sujeitos de direitos com liberdade de escolha.

Certamente, essa história (PERROT, 1988) apresenta “*scripts* diferentes” para os mesmos atores, agora apresentados como sujeitos sexualizados; imagens múltiplas e variadas dos lugares de homens e mulheres e suas representações sociais e culturais, que explicitam a diversidade dos caminhos teóricos, engendrados pelas pesquisadoras feministas. São esses caminhos percorridos pelas pesquisadoras feministas que tornaram necessária a utilização da categoria de gênero para explicar os por quês das diferenças perversas até nas humilhações a que são submetidos homens e mulheres.

O livro de Margarida Barreto dialoga com a medicina e a sociologia do trabalho, mediada pela psicologia social, numa busca de revisão de concepções e práticas em relação à saúde do trabalhador/a, usando a ferramenta epistemológica da interdisciplinaridade.

A pesquisa foi realizada junto aos trabalhadores mulheres e homens do sindicato dos químicos de São Paulo, com o objetivo de analisar os sentidos da saúde e da doença contidos na queixa desses trabalhadores/as, e foi aí que a autora se deparou com um grito de sofrimento muito mais forte do que as outras dores aparentes; foi a humilhação que tomou o lugar da dor física. Cheio de histórias de sofrimento, o livro é uma necessária viagem à realidade em que vivem esses homens e mulheres no(s) mundo(s) do trabalho. Margarida toma como suporte teórico o filósofo da liberdade, Espinosa, e o psicólogo marxista Vygotsky. Uma combinação teórica muito feliz para dar conta dessa brilhante e emocionante análise sobre o processo de submissão à humilhação por que passam os trabalhadores homens e mulheres no(s) diferente(s) mundo(s) do trabalho. Assim, ao invés de deixá-la na invisibilidade, traz à luz, colocando-nos a todos e todas, numa atitude ética de compromisso frente a

essas situações de sofrimento que a violência e o assédio moral impõe nos microcosmos da vida das pessoas.

O corpo dócil e vigiado resta sem defesa, fragilizado e privado da capacidade de pensar. Sobre esta questão, Margarida traça com nitidez as diferenças dos impactos da organização social do trabalho e das condições de trabalho na qualidade de vida dos homens e das mulheres, pois a construção dos adestramentos corporais são marcados pela divisão sexual de gênero com significados reais e simbólicos discriminatórios (FOUCAULT, 1977).

É como nos disse Canguilhem, (1968), sobre o uso da expressão “... modos de andar pela vida...”, que estabelece uma relação processual e histórica com a capacidade do corpo de responder com plasticidade e performance às exigências da organização social da produção, ou seja, como o homem se apropria da natureza por meio de determinada organização social. Toda essa construção teórica está voltada para redefinir o conceito de carga laboral, introduzindo a dimensão do desgaste mental.

O livro de Margarida me fez recordar um outro importante texto de Dejours, (1993), que se refere à ruptura epistemológica que o conceito de psicopatologia do trabalho provocou ao introduzir a dimensão desconhecida do sofrimento mental no trabalho. Sua tese é que este está articulado com a dimensão singular e a dimensão atual.

O sofrimento singular é aquele herdado da história psíquica de cada indivíduo, e o sofrimento atual resulta do reencontro do sujeito com a situação do trabalho. Nessa perspectiva, o sujeito elabora soluções, estratégias diferentes para enfrentar a luta contra o sofrimento, que o autor distingue em : “(...) sofrimento criativo, que são as soluções-estratégias favoráveis a produção e à sua própria saúde e o sofrimento patogênico, que são as soluções desfavoráveis tanto à produção quanto à saúde...”. Desta construção, como diz o autor, “(...) deduziremos uma concepção dos homens diferente da habitualmente presente nas ciências da administração e da gestão: a do homem concreto, vivo, sensível e sofredor, animado por uma subjetividade; concepção diferente da de um tipo-ideal médio, que remete a um modelo do homem abstrato”.

A análise da articulação entre organização do trabalho e construção de subjetividade é mediada pela relação de gênero, como uma relação hierárquica de poder entre os sexos. Portanto, este homem concreto, vivo, sensível e sofredor do qual nos fala Dejours, (1993), não pode ser entendido como sujeito único e universal. São sujeitos com vivências marcadas pela divisão sexual.

Margarida não para aí, ela vai adiante, introduz a ótica dos estudos feministas que fazem, como disse Foucault, a arqueologia do discurso dialético, provocando um

deslocamento dos espaços macros para os espaços microssísmicos da vida cotidiana das trabalhadoras e dos trabalhadores. E é com esse deslocamento que ela desvenda a violência perversa do assédio moral no cotidiano da organização do trabalho.

Uma questão sugerida pela pesquisa de Margarida é que a divisão sexual do trabalho faz com que o impacto sobre a saúde das mulheres trabalhadoras sejam diferenciado em relação ao dos homens, porque estão estreitamente ligados à dupla jornada de trabalho, à discriminação e à repressão sexual.

Estes impactos são, na maioria das vezes, menos visíveis para as mulheres, por que a diferença sexual em matéria de saúde e segurança do trabalho é uma observação muito recente, como explica Perrault, (1993). “...de fato ela não pode ser levada em conta antes dos anos 70, porque “... a existência de trabalhadoras foi negada tanto nos estudos experimentais como nas pesquisas de campo... “. O surpreendente esquecimento foi ocultado pelas filigranas da dominação, já crivada pelas relações de gênero. As mulheres desempenham tarefas que as “adestram” ao tempo e ao ritmo das máquinas, sem deixar as tarefas estressantes, e aparentemente sem “utilidade social”, que desenvolvem no âmbito do espaço doméstico.

De um lado, quando é útil considerar a superioridade biológica das mulheres, essa superioridade é utilizada como pretexto para excluí-las dos estudos sobre doenças crônicas; por outro lado, quando convém considerá-las mais fracas e estereotipá-las como donas de casa, e não como trabalhadoras, então excluem-se as mulheres dos estudos sobre saúde profissional. (PERRAULT, 1993)

Esse quadro, que permanece reforçado hoje no mundo globalizado orquestrado pela égide do consumo e do mercado, impõe uma nova ordem mundial, em que os requisitos fundamentais e imprescindíveis para o mercado são ter curso universitário, ter conhecimentos de informática e de inglês.

A beleza da obra de Margarida está em muitas faces, mas vou ressaltar aquela que me tocou mais profundamente como mulher e feminista: é a busca do reconhecimento do/a outro/a num mundo que é dirigido pela lógica do “mercado”, em que ninguém tem rosto, nem sexo, nem alegria, nem utopia: um mundo onde o individualismo e o egoísmo tomam conta dos diversos cenários, onde a cidadania se transforma em consumo, onde o medo toma o lugar da solidariedade, a competitividade imposta pelas metas de produtividade decreta o silêncio pelo medo de cair na malha do desemprego, tomando dessa forma o lugar do caminho pela conquista da liberdade.

A violência oculta das humilhações, seja nos espaços do(s) mundo(s) do trabalho, seja nos espaços micros das relações pessoais e familiares, foi desvendada por meio das narrativas de trabalhadoras e trabalhadores, num exaustivo trabalho de pesquisa.

Margarida, neste livro, rompe com o paradigma dominante positivista e medicalizador ao incorporar a subjetividade em forma de sentimento no processo de construção de um novo modelo de conhecimento, pautado pela sexualização dos sujeitos e de seus sofrimentos. Os trabalhadores e trabalhadoras que participaram desta pesquisa, ao narrarem suas histórias de humilhações sofridas no trabalho, tornaram-se sujeitos de si e de direitos ao deixarem de ser simplesmente atores sem ação, ou seja, sujeitos sem direitos e somente assim, atores de suas próprias vidas.

Vale a pena ler e reler este livro. Estou certa de que os conceitos serão repensados e, por que não dizer, reelaborados e transformados.

BARRETO, M. **Violência, saúde e trabalho**: uma jornada de humilhações. São Paulo: EDUC, 2000.

## **Referências**

CANGUILHEM, G. **Lo normal y lo patológico**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1968.

DEJOURS, C. **Souffrance et plaisir au travail in plaisir et souffrance dans le travail**. Paris: L'AOCIP, 1993. v.1.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

DERRIDA, J. **Farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 1991.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 10.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HIRIGOYEN, M. F. **Assédio moral**: a violência perversa no cotidiano. 21.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PERROT, M. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1987.